



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DO CURSO DE HISTÓRIA**

MARIA CAMILA GENÉSIO RODRIGUES

**UMA BREVE HISTÓRIA DO CIBERATIVISMO FEMINISTA
CONTADA PELAS HASHTAGS**

**GUARABIRA
2019**

MARIA CAMILA GENÉSIO RODRIGUES

**UMA BREVE HISTÓRIA DO CIBERATIVISMO FEMINISTA
CONTADA PELAS HASHTAGS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Curso de História, da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB/Campus Guarabira, em cumprimento as exigências para obtenção do Título de Licenciada em História.

Área de concentração: História. Mídia e literatura

Orientador: Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima

**GUARABIRA
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R696b Rodrigues, Maria Camila Genésio.

Uma breve história do ciberativismo feminista contada pelas hashtags [manuscrito] / Maria Camila Genesio Rodrigues. - 2019.

29 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.

"Orientação : Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima, Coordenação do Curso de História - CH."

1. Ciberativismo . 2. Hashtags. 3. #EleNao. 4. Categorização de conteúdos. 5. Redes sociais. I.

Título

21. ed. CDD 303.483 3

MARIA CAMILA GENÉSIO RODRIGUES

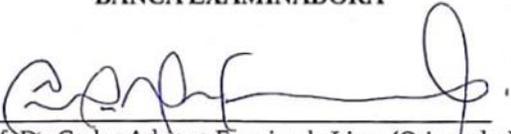
**UMA BREVE HISTÓRIA DO CIBERATIVISMO FEMINISTA CONTADA PELAS
HASHTAGS**

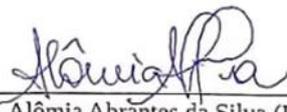
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a Coordenação do Departamento do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduação em História.

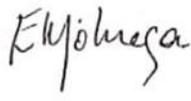
Área de concentração: História, Mídia e Literatura

Aprovada em: 19/06/2019.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dra. Alômia Abrantes da Silva (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Elisa Mariana Medeiros Nóbrega (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A todos os professores e professoras que
contribuíram em minha formação, em especial
a minha mãe, minha primeira professora
DEDICO.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE CIBERESPAÇO, CIBERCULTURA E O CIBERATIVISMO.....	11
2.1	CIBERATIVISMO FEMINISTA NO CIBERESPAÇO.....	16
2.2	HASHTAG ELE NÃO	21
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
4	REFERÊNCIA	23

UMA BREVE HISTÓRIA DO CIBERATIVISMO FEMINISTA CONTADA PELAS HASHTAGS

A BRIEF HISTORY OF THE FEMINIST CYBERACTIVISM TOLD BY HASHTAGS

Maria Camila Genésio Rodrigues¹

RESUMO:

O presente trabalho buscou discutir sobre o ciberativismo feminista nas mídias digitais e sua difusão por meio de hipertextos designados de hastags. Compartilhamento de palavras-chave, neologismos ou slogans com intuito de promover a discussão sobre temas emergentes abordados pelo movimento feminista através das hashtags feministas compartilhadas nas mídias digitais, entre outras utilizamos como exemplo uma hashtag feminista de grande mobilização que partiu das mídias até chegar as ruas do país com um movimento ciberativista o #EleNão, que assim como as outras hashtags mencionadas no trabalho foi liderado e organizado por mulheres. Dessa forma, foi possível afirmar a importância do ciberativismo feminista para reivindicações e visibilidade de pautas femininas, principalmente após utilizarem o recurso das hashtags em suas publicações como ferramenta para organização dos movimentos não só nas mídias, mas também nas ruas levando ao alcance de mais pessoas.

Palavras-Chave: Ciberativismo, Hashtags, #EleNão.

ABSTRACT:

The present study sought to discuss about the feminist cyberactivism in digital media and its diffusion through hypertexts called hashtags. Keyword sharing, neologisms or slogans with the intent to promote the discussion about emerging themes approached by the feminist movement through the feminist hashtags shared in the digital media, among others we use as an example a feminist hashtag of big mobilization that started in the social media until arriving the streets of the country with a movement cyberactivism # EleNão, that as well as the others mentioned hashtags in the study was led and organized by women. In this way, it was possible to affirm the importance of feminist cyberctivism for feminist demands and visibility, especially after using hashtags in their publications as a tool to organize movements not only in the media, but also in the streets leading to the reach of more people.

Keywords: Cyberactivism, Hashtags, #EleNão.

¹ Aluna de graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, Campus-III, Centro de Humanidades.
e-mail: myla.uepb@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO:

Presenciamos em nosso meio de vivência, principalmente a partir da década de 1990, o avanço da tecnologia em quase todos os âmbitos, não é difícil identificar hoje, em nossa volta, a presença dessa evolução tecnológica que na maioria das vezes proporciona facilidades, especialmente em meio ao ritmo acelerado que a vida em sociedade resultou, evolução essa percebida por meio de dispositivos tecnológicos cada vez mais modernos, aplicativos, programas e diversos outros exemplos que ao longo dos anos estão passando por frequentes transformações em nossa sociedade.

A História, por sua vez, também não ficou de fora dessa onda tecnológica, toda a rapidez característica desse momento de avanço tecnológico torna ainda mais desafiador a escrita da História, para LUCCHESI 2013 é preciso que haja não só uma nova História, mas uma nova forma de escrevê-la.

Falar em uma nova historiografia, nestes termos – daquela que vai lidar com os traços de certos passados - é falar em um novo jeito de escrever a história, não apenas em uma produção de história sobre a cultura digital. Uma nova prática. Nova porque, ora, se contrastada com as anteriores inovações ou desvios (que nem se positivem o termo “inovação”, nem se negativize “desvio”, ambos servem para falar de diferenças) (LUCCHESI, 2013, p. 9)

Diante de uma nova forma de escrever a história, em um atual cenário e contexto social que tem a Internet como símbolo inserido no cotidiano da sociedade, as principais críticas quanto a essa dualidade, História e o recurso digital, diz respeito a fluidez como adquirimos as informações, onde muitas vezes recebemos quase que simultaneamente, para isso, é necessário que saibamos como gerenciar o grande número de narrativas interativas que chega até nós, como enfatiza LUCCHESI 2013, já as vantagens podem ser destacadas “como capacidade (de armazenamento), acessibilidade, flexibilidade, diversidade, manipulabilidade, interatividade e hipertextualidade (ou não-linearidade)” (LUCCHESI, 2013, p. 11, apud COHEN: 2005, ROSENZWEIG, 2005).

Apesar dos desafios, não podemos nos abster do fato que o uso da Internet abriu um leque de possibilidades para acessar a História, essa “flexibilidade”, como coloca Anita Lucchesi, caracterizou a facilidade de recorrer a rede para ter acesso a arquivos, textos, vídeos, imagens, pesquisas em um único espaço proporcionando um novo meio para produção e consumo da História.

A flexibilidade, assim, transforma a experiência do consumo de história, ao passo que as mídias digitais também vão, em virtude da sua abertura e diversidade, alterar as condições de produção da história. Como os italianos notaram também, não só historiadores utilizam a Web para publicar histórias, pelas mais variadas categorias de autores. (LUCCHESI, 2013, p. 12).

Essa flexibilidade a qual destaca a autora pode ser entendida como ponte para mudanças na produção da História e sua receptiva utilização nas mídias digitais por ser um meio amplo e diversificado. Contudo, é preciso destacar que:

Como produto recente, pode-se dizer que a internet carece de reflexão em suas potencialidades e problemas. Em tal análise não cabe propor qualquer tipo de interdição ao veículo; pelo contrário, é importante justamente perceber que, independentemente de pontos ditos positivos ou negativos, temos em nossas mãos uma inegável revolução tecnológica que pode e deve ser compreendida em suas múltiplas facetas – entre elas a histórica. (OLIVEIRA, 2014, p. 27)

Assim como a História está se adaptando ao meio digital, os espaços de comunicação responsáveis pela propagação de informações também estão, hoje um deles, sem dúvida, é a Internet, por meio dela boa parte dessas informações estão sendo compartilhadas facilitando o acesso das mesmas e fazendo com que cheguem cada vez mais rápido e alcance um maior número de pessoas no mundo, no Brasil o número de usuários que utilizam a internet vêm ampliando-se consideravelmente, dados do site do IBGE² mostrou que quase 70% dos domicílios brasileiros possuíam acesso à internet³ em 2017 tornando-a um espaço cada vez mais usado pelos brasileiros. Essas são características de um novo sistema social que tem a internet como um dos principais meios de compartilhamento de informações e produções.

Acompanhando essas mudanças os usuários passaram a enxergar nas redes novos espaços para mobilizações públicas e utilizar a internet também como forma de expressar suas vontades, reivindicações, protestos, compartilhando suas opiniões com intuito, na maioria das vezes, de alcançar outras pessoas que compartilham da mesma opinião. Para BARBOSA 2014; SANTOS 2014; TAVARES 2014 com o compartilhamento das informações e tornando-as acessíveis a outros usuários é que surgem as mobilizações nas mídias sociais, essas mobilizações receberam o nome de ciberativismo que consiste em:

[...] o uso de tecnologias digitais ou de informação e comunicação para a mobilização e enfrentamento político, social e/ou cultural. De acordo com o autor, o ciberativismo surgiu com a popularização da Internet no começo da década de 1990. A rapidez, articulação e velocidade que as informações levam para chegar a várias partes do mundo despertaram a atenção e interesse de diversos setores da sociedade, incluindo aí os ativistas de inúmeras causas. (QUEIROZ, 2017, p .3, apud MILHOMENS, 2009)

Com o aumento da rapidez na circulação das informações, o ciberativismo passou a ser bastante compartilhado no mundo por usuários que buscam a divulgação e alcance de mais

² Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

³ <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23445-pnad-continua-tic-2017-internet-chega-a-tres-em-cada-quatro-domicilios-do-pais> (acesso às 16:00 do dia 24/04/2019)

peçoas, o espaço digital já foi utilizado para diversas reivindicações em movimentos que abarcam diferentes segmentos, entre eles, o ciberativismo feminista, ciberativismo verde, político, publicitário, entre outros.

Uma das ferramentas utilizadas pelos ciberativistas na busca por promover e expandir seus movimentos nas redes sociais digitais são as Hashtags⁴, que consiste em uma ferramenta formada pelo símbolo (#) colocada antes das palavras que se transformam em tags e podem ser acessadas através de um hiperlink (que se configura como pontos que ligam os sites, imagens e arquivos em geral), todas as publicações que possuírem a hashtag serão armazenadas e qualquer pessoa terá acesso ao que foi compartilhado.

Os movimentos feministas já utilizam desse recurso para alavancar suas publicações nas redes sociais digitais utilizando hashtags feministas com objetivo de chegar ao maior número de pessoas, o espaço digital se tornou, para os grupos sociais, um apoio muito importante nas reivindicações, protestos, busca por direitos, atrair mais pessoas para engajamento político, para o movimento feminista, o ciberespaço passa a ser uma oportunidade para que mulheres participem de causas que as representem na sociedade e que também se tornem ativistas, ou melhor, ciberativistas conectadas com outras mulheres e movimentos espalhados pelo país.

Foi pensando na importância e no crescimento em que esse novo molde de mobilizações representa para os movimentos sociais hoje, este trabalho busca discutir um pouco sobre a importância do ciberativismo, em particular o ciberativismo feminista, por se tratar ainda de uma parcela pouco representada e ouvida na mídia, e como este novo espaço está ajudando mulheres a compartilhar suas reivindicações na mídia digital, como objeto de estudo utilizamos as hashtags feministas compartilhadas nas mídias digitais com ênfase no movimento feminino⁵ *Ele não*⁶, que conseguiu por meio do ciberativismo unificar pessoas de diversos lugares a favor da causa, o movimento conseguiu mobilizar cerca de 1.6 milhões⁷ de menções no Twitter utilizando a hashtag feminista #EleNão, entre elas em sua maioria contrárias ao atual Presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, tendo início no dia 12 de setembro com as primeiras menções

⁴ “Os hashtags são compostos pelo símbolo cerquilha (#) acompanhado de alguma palavra-chave, que vira um hiperlink indexado pelos mecanismos de busca. (LANGNER, 2015 ; MENDONÇA, 2015; ZULIANI, 2015, p. 8)

⁵ “São vertentes que traduzem seu programa de reivindicações políticas pelos direitos das mulheres na ação coletiva e, como os seus congêneres mais ampliados, intentam provocar as mudanças necessárias em parte ou no todo das instituições sociais que abrigam padrões normativos de regras patriarcais. Procuram criar uma nova ordem social, esgarçando o preconceito e a desigualdade que atingem secularmente esse gênero.” (ÁLVARES, 2013, p.75-76)

⁶ Mobilização nas mídias sociais criada por um grupo de mulheres na rede digital *facebook* durante o período eleitoral com posicionamento contrário ao Presidente Jair Messias Bolsonaro.

⁷ FONTE: <https://observa2018.com.br/posts/movimento-elenao-impulsiona-mais-de-16-milhao-de-mencoes-no-twitter-contrario-a-favor-de-bolsonaro/> acessado em 10/06/2019 as 22:34.

que resultou na organização do movimento nas ruas no dia 29 de setembro, durante o período eleitoral antecedendo o primeiro turno das eleições de 2018

Para isso, o trabalho foi dividido em três partes, a primeira corresponde a uma breve explicação e seus conceitos sobre a cibercultura, ciberespaço segundo LÉVY 1999 além do ciberativismo nas redes e uma outra noção de espaço e tempo aparente no ciberespaço segundo (LEMOS, 2003), a segunda parte traz uma discussão sobre a importância do ciberespaço como espaço de resistências, organizações e mobilizações para os movimentos feministas e como esse espaço está sendo utilizado até agora pelas ciberativistas, por fim, a terceira parte consiste na história da hashtag #Elenão no Twitter⁸ ocorridas em setembro de 2018 no Brasil, o porquê da sua criação pelas ciberativistas e seu impacto na organização da manifestação do dia 29 de setembro de 2018.

2. UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE CIBERESPAÇO, CIBERCULTURA E O CIBERATIVISMO:

A Internet⁹ se tornou ao longo dos anos um meio de comunicação amplamente e mundialmente utilizado para as mais variadas atividades, a mesma possibilita aos seus usuários se manterem conectados diariamente, ter um maior alcance em pesquisas, divulgações de conteúdo, e ainda um facilitador para produtos e serviços, o que de acordo com Manuel Castells denomina como “uma teia de alcance mundial para comunicação individualizada, interativa” (CASTELLS, 1999, p. 440). Segundo B R I G N O L, 2011; COGO, 2011 em função da sua combinação de elementos diversos não se pode classificar a Internet de forma única já que ela reúne e combina processos diversos, tornando-a um ambiente comunicacional, hora próxima das mídias tradicionais, hora se relacionando como meio de comunicação interpessoal.

A expansão do acesso à Internet proporcionou o aumento no número de usuários conectados resultando em uma mudança social e cultural em nossa sociedade, CASTELLS 1999 aborda essa mudança como uma nova forma de sociabilidade construída a partir da formação de uma nova estrutura com base em redes que permeiam todas as dimensões fundamentais de uma organização social, conceituado por ele como *sociedade em rede*.

⁸ <https://twitter.com/login?lang=pt> acessado em 04/06/2019 às 17:47.

⁹ A Internet teve origem na Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (ARPA) no Departamento de Defesa dos EUA, a primeira rede de computadores recebeu o nome de ARPANET e entrou em funcionamento em 1º de setembro de 1969 para os centros de pesquisa que apoiavam o Departamento de Defesa dos EUA. Apenas em 1990 foi criada a Internet que conhecemos hoje por meio do World Wide Web- WWW e passa a organizar os sítios da Internet por meio de informações e não mais por localização como era oferecido antes. Para saber mais ler: CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo. Paz e terra. 1999. p 82.

Esse conceito foi descrito por Castells em seu livro homônimo ao conceito, *A Sociedade em rede* de 1999¹⁰ que traz algumas mudanças que podemos perceber hoje em nossa sociedade formada principalmente com base nas relações estabelecidas em um novo espaço, ou seja, nas redes digitais, que por sua vez “constituem a nova morfologia social de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência” (CASTELLS, 1999, p. 565).

Pierre Lévy em 1999, acreditava que todo esse processo de interconexão por meio dos dispositivos digitais provocaria transformações no nosso sistema político, econômico e cultural contribuindo para uma mudança significativa em nossa sociedade apesar de considerar um universo indeterminado, já que qualquer usuário pode ser ao mesmo tempo produtor e emissor de novas informações, essa nova forma de relações humanas foi designado por ele como *cibercultura* a qual corresponde as técnicas, práticas, atitudes, valores e formas de pensar relacionadas ao desenvolvimento do ciberespaço, que ele define como um novo meio de comunicação a partir de interconexão mundial de computadores (LÉVY, 1999, p. 17).

Para MARTINO 2014 qualquer indivíduo que possua acesso à Internet, que compartilhe, produza qualquer tipo de informação já está inserido no ciberespaço, com práticas, ações e relações entre pessoas que estão conectadas a algum dispositivo, e é justamente isso que difere a cultura da cibercultura, em ambas existem relações sociais, porém, apenas na cibercultura ocorre via máquina, que segundo o autor não ocorreria sem algum dispositivo tecnológico, ou seja, “é a transposição para um espaço conectado das culturas humanas em sua complexidade e diversidade.” (MARTINO, 2014, p. 25).

Segundo LEMOS 2003 já estamos inseridos em meio a cibercultura, para o autor esta é uma cultura contemporânea do nosso presente que se estabeleceu devido a emergência de novas relações sociais, caracterizada pelo surgimento de novas tecnologias digitais e evolução de uma cultura técnica moderna. Ainda segundo o autor, os avanços tecnológicos digitais proporcionam vivenciarmos uma nova conjuntura espaço-temporal onde o imediato/live está substituindo o espaço físico-geográfico.

Cada transformação midiática altera nossa percepção espaço temporal, chegando na contemporaneidade a vivenciarmos uma sensação de tempo real, imediato, “live”, e de abolição do espaço físico-geográfico. A sociedade da informação é marcada pela ubiquidade e pela instantaneidade, saídas da conectividade generalizada. Entramos assim em uma sociedade WYSIWIG (o que vejo é o que tenho) [...]. (LEMOS, 2003, p. 03)

¹⁰ CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo. Paz e terra. 1999.

Segundo o autor, a substituição de um espaço físico por redes de conectividade está modificando os espaços de interação e transformando-os em espaço de fluxos, onde podemos agir a distância e instantaneamente em “redes planetárias pulsando no tempo real, em caminho para a desmaterialização dos espaço de lugar” (LEMOS, 2003, p. 3), ampliando dessa forma os meios de comunicação e informação.

A autora Suely Fragozo também nos atenta para uma mudança em nossa relação com o espaço e tempo, para a autora os parâmetros que os separam estão se tornando cada vez mais tênues, conseqüentemente “Flexibilizando cada vez mais os condicionantes temporais, essas (ainda recentes) conquistas tecnológicas não apenas subjugam o espaço, mas acelerando vertiginosamente o ritmo da vida, acabam por encolher e fragmentar também o próprio tempo” (FRAGOSO, 2003, p. 2-3) causando assim um impacto em nossas relações sociais.

Mesmo ainda incapazes de perpetrar completamente a nulificação do espaço e do tempo, os avanços tecnológicos já deixam rastros suficientemente claros no tecido social para que se postule a emergência, no ciberespaço, de uma experiência cuja imaterialidade anuncia a 'obliteração das massas' e a 'asfixia do social' (Trivinho, 1998, especialmente p.119-121)[...] (FRAGOSO, 2003, p. 3)

Ou seja, desde o avanço das novas tecnologias, estão sendo moldadas novas formas de se relacionar em nossa sociedade por meio de outro espaço de interação, para a autora não foi possível que essas mudanças *ainda* consigam anular o espaço físico, mas já são capazes de superar distâncias que antes impediam, por exemplo, a formação de redes de interesses em comum, “Como qualquer comunidade humana, associações virtuais se constroem a partir de laços de interesse na troca de informações. A diferença principal, no caso, está no fato desses vínculos serem formados e mantidos a partir de um computador” (MARTINO, 2014, p. 45) por pessoas que dentro do espaço físico não seria possível se relacionar devido a distância existente entre elas.

Vale ressaltar que dentro desse universo digital que é o ciberespaço existem superfícies diferentes que muitas vezes colocamos todas como se possuíssem o mesmo significado, são elas: as redes sociais, as mídias sociais e as mídias digitais, este último corresponde ao espaço onde o movimento “*Ele não*” foi compartilhado e que este trabalho utiliza como exemplo em que o ciberativismo se desenvolve, para BARBOSA, 2014; TAVARES, 2014; SANTOS, 2014 são essas plataformas que mais contribuem para reforçar a cultura digital, e podem ser entendidas como:

Para diferenciá-las deve-se levar em consideração primeiramente que mídia refere-se à meio e rede à pontos de conexão. Portanto, as redes sociais dizem respeito à comunicação entre um grupo de pessoas que compartilham dos mesmos interesses/gostos; as mídias sociais, por sua vez, são os meios pelos quais essas redes são sustentadas, as ferramentas. Já as mídias digitais são os veículos e aparelhos de comunicação não-analógicos, ou seja, são os meios que permitem uma comunicação oral e escrita de forma digital. (BARBOSA, SANTOS, TAVARES, 2014, p. 23)

Para os autores, dentro dessas plataformas as produções são feitas de formas acessíveis ao alcance de outros usuários exatamente com esse intuito, desse modo, conseguem ir mais longe e trazer mais pessoas para compartilhar do mesmo propósito, a identificação de outras pessoas pela mesma causa é o que justamente faz com que surja as mobilizações sociais.

De acordo com CHAMPANGNATTE, 2015; CAVALCANTI, 2015 o ciberespaço surgiu como um espaço onde não há aparentemente uma hierarquia ou controle, as informações também não são compartilhadas de formas lineares e não representam um ponto fixo, ainda segundo os autores o ciberespaço representa um:

O ciberespaço tem sido o lugar de interação e expressão para variadas atividades que envolvem coletivos de resistência, que têm como finalidade difundir suas reivindicações na tentativa de perfurar os mecanismos políticos/ideológicos impostos pela grande mídia hegemônica da indústria cultural. (CHAMPANGNATTE, CAVALCANTI, 2015, p. 314)

Nessa perspectiva, o ciberespaço se tornou um ambiente de lutas sociais e políticas pelos ciberativistas¹¹ que passaram a enxergar no meio digital uma forma de promover suas mobilizações, tendo em vista se tratar de um espaço um pouco mais democrático se compararmos com a grande mídia massiva. Para CASTELLS 2004 os grupos que constroem essas mobilizações encontram na internet um espaço propício para seu movimento.

A comunicação de valores e a mobilização em torno do sentido são fundamentais. Os movimentos culturais (entendidos como movimentos que têm como objetivo defender ou propor modos próprios de vida e sentido) constroem-se em torno de sistemas de comunicação – essencialmente a Internet e os meios de comunicação – porque esta é a principal via que estes movimentos encontram para chegar àquelas pessoas que podem eventualmente partilhar os seus valores, e a partir daqui atuar na consciência da sociedade no seu conjunto (Castells, 2004, p. 170). (ALMEIDA 2013, p. 33-34, apud CASTELLS, 2004)

Dessa forma, FILHO, 2017; FONSECA, S, 2017; SILVA, 2017 destacam que através do ciberespaço foi possível surgir uma nova forma de circulação de informações que quebra com os padrões existentes de produção e difusão da cultura midiaticizada, e conseguem quebrar

¹¹ Termo utilizado para conceituar pessoas que utilização o ciberespaço para produzir, reivindicar, compartilhar ações de engajamento político e social de diferentes causas.

com a lógica das “antigas definições de produtor e receptor de comunicação foram bagunçadas pela possibilidade de interatividade; nele ambos produzem e consomem. Ambos criam sentidos, analisam discursos, discutem perspectivas” (FONSECA, N, 2017) e com isso todos participam da construção de um modelo descentralizado de produção de conteúdo.

Já são muitos trabalhos que retrataram em suas pesquisas movimentos dos quais utilizaram os recursos digitais por meio das hashtags para dar visibilidade a temas importantes e urgentes, entre eles, podemos destacar *Primavera Árabe*, movimento que se tornou conhecido mundialmente após desencadear uma onda de protestos no Oriente Médio e no Norte da África com início em dezembro de 2010 chegando a países como Marrocos, Arábia Saudita, Sudão, Egito entre outros. Os protestos iniciaram após o jovem Mohamed Bouazizi tirar a própria vida em sinal de protestos contra as condições de vida em seu país no norte da África¹².

A maioria das pessoas que estavam protestando eram jovens que haviam se formado ansiando para entrar no mercado de trabalho, mas principalmente buscavam por melhorias para suas cidades que enfrentavam um período de recessão em meio a uma crise econômica e política, além de reivindicarem por uma maior participação popular nas decisões dos Governos, e encontraram por meio das redes de mídia digitais como o Facebook e Twitter apoio para mostrar ao mundo os protestos que ocorriam em seus países compartilhando com as hashtags *#algeria*, *#egypt*, *#feb14*, *#morocco*, *#sidibouzide* *#yemen* e também por pessoas de outras regiões em sinal de apoio aos manifestantes BARTKOWIAK, 2017; FONSECA, T, 2017; MATTO, 2017; SOUZA, 2017. De forma muitas vezes instantânea, “sua utilização ficou evidente na repetitiva publicação pela mídia de fotos tiradas pelos manifestantes durante as ações em protesto contra os governos locais” (SILVA, 2012, p.36) o que impulsionou ainda mais a participação em massa nos protestos.

O movimento primavera árabe é hoje considerado mundialmente um dos mais importantes movimentos já registrados nas redes pelo pioneirismo e impacto que obteve através das manifestações com o apoio das redes.

Aqui no Brasil, podemos citar os protestos que ocorreram no início de junho de 2013 contrários algumas pautas e ao Governo da ex-presidente Dilma Rousseff, após algumas cidades aumentarem o valor das passagens em até vinte centavos, com pequenas manifestações espalhadas pela capital paulista o movimento *Passe Livre* iniciou campanhas de mobilizações nacionais nas redes digitais Facebook e Twitter e uma grande manifestação no dia 18 de junho

¹² Fonte https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/12/131213_primavera_arabe_10consequencias_dg acessado em 24/05/2019 as 22:20.

e 2013 que contou com o apoio de aproximadamente trezentas mil pessoas em 12 cidades pelo Brasil, os protestos seguiram e uma outra grande mobilização aconteceu no dia 20 de junho, dessa vez, sobre os gastos com a copa de 2014, ambos os protestos foram organizados pelas mídias digitais, por seus apoiadores que compartilhavam as hashtags *#vemprarua*” e *#OGiganteAcordou*”. (BARBOSA, 2014; TAVARES, 2014; SANTOS, 2014).

2.2. CIBERATIVISMO FEMINISTA NO CIBERESPAÇO:

O feminino por muito tempo foi reportado por meio de uma perspectiva masculina elaborada por homens, a sociedade patriarcal exigia do feminino sua permanência no ceio privado de suas casas e esperavam delas todas as sutilezas e delicadezas “naturais” de uma mulher, com todos sentimentos de aconchego e maternidade, contudo, aos homens restava o papel digno de um provedor que era o espaço público e funções que exigiam deles a racionalidade e centralidade “típica” da masculinidade. “As mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento. Confinadas no silêncio de um mar abissal” (PERROT, 2007, p. 16) e ensinadas apenas a ouvir, sem exercer sua voz, já que “Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. É a garantia de uma cidade tranqüila. Sua aparição em grupo causa medo. (PERROT, 2007, p. 17)

Apesar dessa escrita da História cheia de estereótipos e estigmas ditar por muitos anos as regras que nós mulheres deveríamos seguir, conseguimos quebrar o silêncio que era imposto ao feminino, mesmo em meio aos entraves, até mesmo quando o preço foi alto a pagar “Ao longo da história ocidental sempre houve mulheres que se rebelaram contra sua condição, que lutaram por liberdade e muitas vezes pagaram com suas próprias vidas” (PINTO, 2010, p. 15).

O feminismo¹³, ou as ações feministas ao longo da História são pivôs principais para uma mudança na luta dos direitos das mulheres que por muito tempo foram negados ou retirados, é um movimento que abarca diversas vertentes em seu interior que ao longo de sua existência vem se modificando com o propósito de representar e atender as necessidades das mulheres em seus diferentes contextos e demandas. É importante ressaltar as diferenças de cada momento do feminismo como forma de evitar uma homogeneização do movimento e suas características, para tanto, foi dividido em ondas, “A noção de onda é amplamente utilizada e

¹³ Movimento político e social que defende a luta por oportunidade e igualdade entre os gêneros, entre outras pautas que garantam os direitos femininos na sociedade, atualmente o movimento é dividido em várias vertentes de reivindicações de acordo com as necessidades sociais e políticas de cada uma delas.

tomada como auto evidente, mas não se pode negar a similitude, na literatura de movimentos sociais, com a de “ciclos de protesto. [...] associadas ao contexto político, social e histórico mais amplo.” (PEREZ, 2018; RICOLDI, 2018, p. 4).

Para PINTO 2010 o feminismo tem início nas últimas décadas do século XIX na Inglaterra, considerada pela autora como a primeira onda do feminismo com as *sufragetes*, onde buscavam nas ruas protestando e reivindicando por seus direitos, entre eles o direito ao voto, o qual se tornou mais popularmente conhecido. Ainda segundo a autora, aqui no Brasil o movimento feminista também teve início protestando o direito ao voto liderado pela bióloga Bertha Lutz¹⁴.

A partir da conquista ao voto, o movimento passa por sucessivas barreiras aqui no Brasil que impedem seu avanço nos anos seguintes, primeiro com a ditadura de Vargas (1930-1945), e mais tarde com a ditadura civil-militar (1964-1985), no entanto, mesmo com os retrocessos em que o país enfrentava, o movimento feminista consegue ir às ruas na década de 70 com base nos ideais que Simone Beauvoir trazia em sua obra *O segundo sexo* de 1949, onde a autora discute sobre a hierarquia dentro das relações sociais, motivo pelo qual inúmeras mulheres lutavam nesse momento (CARDOSO, 2018; FONCESA, I, 2018), considerado a segunda onda do feminismo.

A terceira onda inicia nos anos 1990, e tem como literatura fundamental o livro “Problemas de gênero, de Judith Butler, considerado “o ponto de virada de gênero”. Judith Butler, de certa forma, sistematizou o pensamento mais radical da década de 1980 e avançou com a noção de devir gênero, de que ecoa de longe a ideia de devir mulher, de Simone de Beauvoir” (HOLLANDA, 2018, p. 18) além disso, passaram a tratar de assuntos como patriarcado, domínio sobre os corpos, sexualidade feminina e empoderamento das mulheres, contribuindo com que o feminismo indenitário ganhasse força, e do entendimento e respeito as diferenças entre mulheres, dessa forma não aceitavam que fossem padronizadas em um senso comum, garantindo a liberdade de escolha de cada mulher,¹⁵ além de uma institucionalização com o surgimento de inúmeras Organizações Não Governamentais – ONGs, uma maior participação do estado com financiamentos e na efetivação de medidas públicas (PEREZ, 2018;

¹⁴ “Bióloga, cientista de importância, que estudou no exterior e voltou para o Brasil na década de 1910, iniciando a luta pelo voto. Foi uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, organização que fez campanha pública pelo voto, tendo inclusive levado, em 1927, um abaixo-assinado ao Senado, pedindo a aprovação do Projeto de Lei, de autoria do Senador Juvenal Larmartine, que dava o direito de voto às mulheres. Este direito foi conquistado em 1932, quando foi promulgado o Novo Código Eleitoral brasileiro” (PINTO, 2010, p. 16)

¹⁵ Fonte: <https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismo-eeed092dae3a> acessado em 29/05/2019, às 17:38.

RICOLDI, 2018) essas foram algumas características defendidas com intensidade durante a terceira onda do feminismo no Brasil.

Finalmente, a quarta onda do feminismo, ainda em processo de construção que pode ser compreendida a partir de três pontos principais: “a mobilização construída e divulgada na internet, a interseccionalidade e a atuação por meio de coletivos” (PEREZ, 2018; RICOLDI, 2018, p. 3), essa nova fase do feminismo está atrelada ao grupo considerado como *contemporâneo*¹⁶ com novas características e atuações com o apoio da tecnologia a seu favor, a qual (HOLLANDA, 2018) descreve como uma nova geração.

Por outro lado, vejo claramente a existência de uma nova geração política, na qual se incluem as feministas, com estratégias próprias, criando formas de organização desconhecidas para mim, autônomas, desprezando a mediação representativa, horizontal, sem lideranças e protagonismos, baseadas em narrativas de si, de experiências pessoais que ecoam coletivas, valorizando mais a ética do que a ideologia, mais a insurgência do que a revolução. Enfim, outra geração. (HOLLANDA, 2018, p. 12)

Segundo a autora, a quarta onda se configura com características de ativismo autônomo e descentralizado diferente da terceira onda, a partir de experiências pessoais, é justamente aqui que entra a importância do ciberespaço na luta feminista hoje, como já foi discutido anteriormente as ciberativistas passaram a utilizar esse espaço para divulgação das suas causas e conseguem dessa forma angariar cada vez mais interessadas que se identificam com suas reivindicações, e assim como a autora destaca, agem partindo muitas vezes do pessoal fazendo chegar ao coletivo no ciberespaço.

Para as ciberativistas, o ciberespaço se tornou mais que um meio de divulgação, tornou-se um espaço de resistência e de voz ativa na nossa sociedade, como um meio para produção feminista alcançar mais mulheres em diferentes lugares, que partilham das mesmas dificuldades e enfrentamentos, um espaço de apoio que.

“Nós dividimos frustrações, vitórias e fracassos. Muitas de nós somos fãs umas das outras há anos, mas nunca nos conhecemos pessoalmente. Nós criamos nossos próprios espaços seguros quando o espaço seguro criado por outros falha. Nós nos unimos contra os trolls da internet², oferecemos apoio emocional, e publicamos pessoas e projetos normalmente ignorados pelos grupos feministas. As mídias sociais fizeram com que seja possível para as (...) feministas em Joanesburgo se conectarem com feministas em Saint Louis e em todos os pontos entre elas”.(GOLDEN, 2013). (PIMENTA, 2017; RESENDE, 2017, p. 5, apud, GOLDEN, 2013)

¹⁶ “Contemporâneo, fase extrema e de superação da luta pela exigência de igualdade jurídica, política e econômica em relação ao homem amplia esse conceito para tratar do respeito à diferença das mulheres e a busca de novos valores visando à transformação social.” (ÁLVARES, 2013, p.78)

Formando identidades, criando laços e tornando possível a conectividade a quilômetros de distância, são essas ações que fazem com que impulse e visibilize ainda mais o movimento feminista como um movimento que busca em sua essência êxito em suas lutas a favor das mulheres e ciberativistas, sempre respeitando a singularidade de cada uma delas, ao mesmo tempo que as aproximam, seja nas pautas que defendem, ou nas ruas com os protestos, ou pela tela de um dispositivo digital.

Nas mídias sociais digitais é possível a elaboração/organização dos movimentos e manifestações sistematizadas através do engajamento nas redes que vemos acontecer hoje, “Pensar em mídia atualmente é ir além das historicamente tradicionais. Hoje ela está presente em todas as instâncias da vida social, confirmando a globalização e promovendo a mundialização da cultura” (CÂMARA, 2016, p. 670) capaz de conectar pessoas em diferentes países, nelas há espaço para todas as lutas que partem do feminismo, sejam elas “Liberal, Radical, Interseccional, Negro, Marxista, Lésbico, Anarquista e Transfeminismo” (PEREZ, 2018; RICOLDI, 2018, p. 14) todas utilizam desse espaço nas mídias sociais digitais para promover seus coletivos através das hashtags.

Para tanto, usam das hashtags como uma ferramenta para alavancar ainda mais as publicações e fazer com que cheguem a mais usuários, já que, após compartilhadas qualquer pessoa pode ter acesso a todas as publicações que utilizaram a hashtag e acompanhar todo o conteúdo relacionado ao tema.

Os movimentos feministas passaram a adotar esse recurso nas redes para trazer visibilidade a temas pertinentes referentes ao movimento, alguns deles se tornaram bastante conhecidos com a ajuda dos compartilhamentos das hashtags em suas publicações, podemos citar *#naomerecosestuprada* que surgiu em 2014 após ser divulgada uma pesquisa do IPEA em que 65% dos entrevistados responderam concordar com a frase *"mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas"* em resposta, a ciberativista Nana Queiroz criou o movimento para que mulheres pudessem compartilhar fotos com a frase contida na hashtag em sinal de repulsa aos dados compartilhados pela pesquisa.¹⁷

Outro exemplo foi a *#PrimeiroAssédio* que foi criado pelo coletivo feminista Think Olga em 2015 após comentários pedófilos serem feitos a uma garota que participava de um

¹⁷Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2014/03/movimento-naomerecosestuprada-protesta-contra-resultado-de-pesquisa-4459178.html> acessado em 04/06/2019 as 20:28.

programa de TV, a partir do fato várias mulheres publicaram em suas redes sociais digitais experiências de abuso e assédios que haviam sofrido utilizando a hashtag¹⁸.

A hashtag *#meuamigosecreto*, surgiu logo após *#PrimeiroAssédio*, nela mulheres compartilharam espontaneamente no Twitter fazendo uma analogia ao amigo secreto, uma brincadeira comum na época de final de ano, nela as mulheres compartilhavam situações e atitudes machistas sofridas por desconhecidos ou até mesmo amigos delas, a hashtag ganhou uma enorme repercussão nas mídias por pessoas que se posicionaram tanto favorável como contrárias as publicações.¹⁹

Outra hashtag feminista que se tornou conhecida na mídia foi *#MexeuComUmaMexeuComTodas* criada em 2017 após uma denúncia de assedio feito por uma figurinista envolvendo um ator ambos contratados na época pela Rede Globo, após a repercussão do caso a fotógrafa baiana Catarina Rangel criou o movimento e em pouco tempo a hashtag foi compartilhada por inúmeras pessoas repudiando a conduta do ator, inclusive por atrizes da mesma emissora.²⁰ Esses são alguns exemplos de hashtags que movimentaram as redes sociais digitais aqui no Brasil em diferentes épocas, em sua maioria (se não todos) criados por mulheres para denunciar, reivindicar e buscar repercussão para assuntos e fatos cotidianos enfrentados por mulheres em nossa sociedade.

Todos esses exemplos só reforçam a importância do ativismo nas redes, principalmente para o movimento feminista em geral e para as ciberativistas que conseguiram por meio das hashtags tornar público e com grande repercussão seus movimentos, contudo, se faz necessário esclarecer que o feminismo “não se limita ao que é apresentado nas redes. Muitas ações não ganham a mesma visibilidade por não estarem inseridas na internet, mas não quer dizer que o feminismo do dia-a-dia, que muitas vezes não é visto, seja invisível.” (PIMENTA, 2017; RESENDE, 2017, p. 4), em meio ao aumento da conectividade digital e o acesso as redes sociais digitais, se faz necessário que ambos os espaços, tanto on-line quanto off-line permaneçam sempre em harmonia, um seja a extensão do outro para que haja um alcance maior do movimento, e no sucesso das reivindicações, mas principalmente levar ao máximo de pessoas a necessidade do movimento feminista em meio a um sistema ainda muito desigual entre os

¹⁸ Fonte:

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2015/10/22/interna_tecnologia,503498/na-primeiroassedio-mulheres-compartilham-experiencias-com-assedio.shtml acessado em 04/06/2019 às 17:38.

¹⁹ Fonte: <https://epoca.globo.com/vida/experiencias-digitais/noticia/2015/11/meuamigosecreto-nova-campanha-na-internet-denuncia-o-machismo-nosso-de-cada-dia.html> acessado em 04/06/2019 às 18:03.

²⁰ <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/fotografa-baiana-que-criou-campanha-contra-assedio-de-jose-mayer-comemora-resultado/> acessado em 04/06/2019 às 21:18.

gêneros, além de desconstruir pré-conceitos estabelecidos e também compartilhados nas mídias sobre o movimento feminista.

2.2 HASHTAG #ELENÃO:

A hashtag #EleNão assim como outras hashtags feministas nasceram em meio a necessidade que ciberativistas encontraram em protestar contra a conjuntura atual, sua criação foi possível após o grupo no Facebook²¹ “*Mulheres Unidas contra Bolsonaro*” ser criado em 30 de agosto de 2018 pela publicitária e servidora pública Ludimilla Teixeira, hoje atual “*Mulheres Unidas com o Brasil*” que conta hoje com mais de 2 milhões e 500 mil participantes mulheres incluindo mulheres trans, com o intuito de abrir um espaço para que mulheres contrarias a candidatura do Presidente Jair Messias Bolsonaro e também como espaço de lutas feministas contra o machismo, homofobia, racismo, além de um lugar onde fosse possível a organização para mobilizações fora da rede.

Após o grupo ser invadido durante o período eleitoral em 2018, houve uma grande repercussão nas mídias sociais digitais o que fez com que o número de seguidoras aumentasse consideravelmente, chegando a marca de 1 milhão de seguidoras durante a primeira semana, a partir da repercussão do número de seguidoras a hashtag #Elenão foi criada.

Para entendermos o porquê foi criado o grupo “*Mulheres Unidas com o Brasil*” precisamos situar o contexto ao qual está inserido o país, após o golpe político que depôs a ex-presidente Dilma Rousseff intensificou-se um cenário de polarizações entre os eleitores envolvendo as candidaturas do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o então presidente da República Jair Messias Bolsonaro conhecido por declarações machistas, homofóbicas nas mídias digitais. (PEREIRA, 2019; FERREIRA, 2019).

Diante desse cenário de polarizações a hashtag #Elenão foi compartilhada em sinal de protestos as declarações do atual presidente da República mais de 1,2 milhões de vezes durante o primeiro turno das eleições de 2018 segundo o site da FGV- Fundação Getúlio Vargas²², ainda segundo site foram compartilhadas outras variantes da #elenão, entre elas #elenunca, #elejamais, #elenãoelenunca, #elemente e #nothim o que resultou em 75% no total de compartilhamentos monitorados pelo site.

²¹ <https://www.facebook.com/> acessado em 10/06/2019, as 21:20.

²² : <https://observa2018.com.br/posts/movimento-elenao-impulsiona-mais-de-16-milhao-de-mencoes-no-twitter-contras-e-a-favor-de-bolsonaro/> acessado em 10/06/2019 as 22:34.

A intenção nos compartilhamentos era reunir o maior número de mulheres para uma grande mobilização que transcendesse as redes sociais digitais para as ruas do país, e assim ocorreu em 29 de setembro de 2018 onde milhares de pessoas foram às ruas para gritar *Ele Não*, o movimento foi considerado pela autora Céli Regina Jardim Pinto²³ como a maior manifestação de mulheres na História do país e também uma das maiores contrárias a um candidato ocorridas em aproximadamente 114 cidades e também fora do país em Nova York, Lisboa, Paris e Londres.²⁴

Os números e impacto da hashtag #EleNão nas mídias e durante o movimento do dia 29 de setembro reforça a afirmação que “#Elenão não é uma simples hashtag, mas um movimento extraordinário de base, capilar e microscópico, que ao mesmo tempo organiza um ato político e serve de ponto de convergência para outras movimentações de mulheres, online e face a face” (MACHADO, 2018; BURIGO, 2018, s/p) ainda segundo as autoras, o movimento significa uma politização das mulheres que através da hashtag e do movimento deram voz a milhares de outras mulheres, resultado de um processo de maior participação feminina na nossa política e no debate público.

Sendo assim, a hashtag feminista #Elenao cumpre seu papel de mobilização feminina nas mídias por meio dos compartilhamentos e também nas ruas com o movimento que levou inúmeras pessoas a protestarem contra o fascismo, machismo, a misoginia, homofobia, racismo, contra o extremismo e retrocesso na nossa política e país. O caso da hashtag #Elenão nos mostra que o ciberativismo feminista está cada vez mais organizado e engajado, com o sucesso do movimento *Ele Não* nas ruas trouxe ainda mais visibilidade para as causas feministas reivindicadas durante os protestos, a participação feminina no ativismo, seja ela virtual ou não, e acima de tudo conseguiu transmitir o poder em que o ciberespaço representa hoje na formação de “um novo tipo de organização política: uma democracia conectada, participativa, transparente.” (HOLLANDA, 2018, p. 28) que inclua não só os movimentos feministas na participação política, mas qualquer movimento social.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou discutir sobre a importância do ciberativismo na luta por reivindicações, pautas emergentes e demais assuntos concernentes aos movimentos feministas pelas ciberativistas por meio das hashtags feministas, compartilhadas nas mídias digitais como

²³ Autora do livro: Uma história do feminismo no Brasil.

²⁴ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013> acessado em 10/06/2019 as 22:54.

forma de ativismo no ciberespaço buscando a expansão do movimento nas redes através da participação feminina, entre outras hashtags feministas de grande repercussão utilizamos como exemplo a hashtag #EleNão por ter sido criada a partir de um movimento de mulheres e conseguido atingir grandes proporções no engajamento político liderado e organizado por mulheres.

Com a extensão que a hashtag conseguiu alcançar nas mídias digitais e nas ruas com o movimento, percebemos que o ciberespaço contribuiu de forma direta para que mulheres de diversos lugares do país se unissem a uma palavra de ordem em comum, que obteve sucesso devido a organização nas mídias, por meio do “Twitter foi utilizado para amplificar e difundir a mensagem do #EleNão ao passo que o Facebook, por meio de grupos privados, foi utilizado para organizar os protestos e convocar pessoas” (PEREIRA, 2019; FERREIRA, 2019, p. 25) dessa forma, conseguiram romper com a distância que as separavam e organizar um movimento em diversas partes do país.

Observa-se a importância em que ciberativismo exerce para os movimentos sociais hoje, além de ser uma mídia alternativa e mais acessível, é também um dos meios mais utilizados pelas pessoas hoje na busca por informações e interação, conseqüentemente uma maior chance de pessoas participarem dos movimentos, seja produzindo conteúdo, reunindo pessoas, ou simplesmente trazendo mais visibilidade.

O espaço digital proporcionou o despertar de muitas mulheres que antes não tinham a chance de lutar por seus ideais e que agora têm a sua disposição a possibilidade de um campo fértil a mobilização e apoio recíproco por outras mulheres que reconhecem suas necessidades e dificuldades, e que se identificam com os confrontos diários de uma sociedade machista, patriarcal e conservadora.

REFERENCIAS:

ALMEIDA, Helga. **Cyberativismo e Primavera Árabe: Um estudo sobre o uso da Internet no Egito para a construção da grande ruptura de 2011.** Revista de Discentes de Ciência Política da UFSCAR. Vol. 1, n. 2. 2013. Disponível <<http://www.agendapolitica.ufscar.br/index.php/agendapolitica/article/viewFile/17/14>> acessado em 26 de Maio de 2019 às 16:43.

ÁLVARES, Maria Luzia Miranda. **Histórias de Mulheres, Empoderamento e Ativismo Político.** Gênero na Amazônia. n. 4. Belém. jul./dez. 2013. p 73-100. Disponível <

<http://www.generonaamazonia.ufpa.br/edicoes/edicao-4/artigos/artigo-4-%20luzia.pdf> acessado em 20 de Maio de 2019 às 15:43.

BARTKOWIAK, Jaqueline Zandona. FONSECA, Thatiane de Almeida. MATTO, Gabriel Motta. SOUZA, Vitor Henrique do Carmo. **A Primavera Árabe E As Redes Sociais: O Uso Das Redes Sociais Nas Manifestações Da Primavera Árabe Nos Países Da Tunísia, Egito E Líbia.** Cadernos de relações internacionais. v. 10, n.1, 2017. p. 66-94. Disponível <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/30432/30432.PDFXXvmi>> acessado em 22 de Maio de 2019 às 22:48.

CÂMARA, Marco Túlio Pena. **Ciberativismo feminista: uma análise da página “Feminismo sem demagogia Original”.** Investigação Qualitativa em Ciências Sociais. Atas CIAIQ, volume 3. 2016.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo. Paz e terra. 1999.

CHAMPANGNATTE, Dostoiewski Mariatt de Oliveira. CAVALCANTI, Marcus Alexandre de Pádua. **Cibercultura – perspectivas conceituais, abordagens alternativas de comunicação e movimentos sociais.** Revista de Estudos da Comunicação. Curitiba, v. 16, n. 41, set. /dez. 2015. p. 312-326.

COGO Denise. BRIGNOL Liliane Dutra. **Redes sociais e os estudos de recepção na internet.** Matrizes Ano 4 – nº 2 jan./jun. São Paulo – Brasil. 2011. p. 75-92.

FONSECA, Ingrid Iramaia Alves. CARDOSO, Fernando da Silva. **Ciberativismo, empoderamento feminino e novas dinâmicas de enfrentamento à violência de gênero contra à mulher.** Revista Eletrônica Direito Sociedade. v.6, n. 1. Canoas, maio 2018. p. 133-156.

FONSECA, Nathália. **Ciberespaço de protagonismo feminino: discurso e inteligência coletiva.** Temática. NAMID/UFPB Ano XIII, n. 08. Agosto/2017. p 180-195.

FONSECA, Stêvenis Moacir Moura da. SILVA, Andréa Pereira da. FILHO, José Gilson de Almeida Teixeira. **O Impacto do Ciberativismo no Processo de Empoderamento: O Uso de Redes Sociais e o Exercício da Cidadania.** Desenvolvimento Em Questão. Editora Unijuí. ano 15, n. 41. out./dez. 2017. p. 59-84.

FRAGOSO, Suely. **Um e muitos ciberespaços.** In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (Org.). Olhares sobre a cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2003.

HOLLANDA Heloisa Buarque de. **Explosão feminista: arte, cultura, política e universidade.** Companhia das Letras, 1ª ed. São Paulo. 2018.

LANGNER, Ariane. ZULIANI Cibeli. MENDONÇA, Fernanda. **O Movimento Feminista E O Ativismo Digital: Conquistas E Expansão Decorrentes Do Uso Das Plataformas Online.**

Anais do 3º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade: mídias e direitos da sociedade em rede. UFSM - Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria- RS. 2015 Disponível em: < <http://www.ufsm.br/congressodireito/anais> > acessado em 29 de abril de 2019 as 11:45.

LEMOS, André; Cunha, Paulo (orgs). **Olhares sobre a Cibercultura.** Sulina, Porto Alegre, 2003; p. 11-23.

LÉVY. Pierre. **Cibercultura.** São Paulo. Editora 34. 1999.

LUCCHESI, ANITA. **História e Historiografia Digital: diálogos possíveis em uma nova esfera pública.** XXVII Simpósio Nacional e História. Natal- RN. Julho de 2013. Disponível em: <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1372190846_ARQUIVO_AnitaLucchesi-HistoriaeHistoriografiaDigital-dialogospossiveisemumanovaesperapublica-ANPUH2013-final.pdf> acessado em 10 de junho de 2019 as 16:50.

MACHADO, Rosana. BURIGO, Pinheiro. Joanna. **#Elenão Deixou De Ser Uma Simples Hashtag: É Um Movimento Feminista E Político Que Pode Mudar O Brasil.** The Intercept. setembro de 2018. Disponível < <https://theintercept.com/2018/09/28/elena-movimento-feminista-politico/>> acessado em 10 de junho de 2019 às 23:58.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes.** Petrópolis-RJ. Vozes. 2014.

OLIVEIRA, Nucia Alexandra da Silva. **História e internet: conexões possíveis.** Revista Tempo e Argumento. 2014. Disponível em: < <http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180306122014023> > acessado em 10 de junho de 2019 às 17:52.

PEREZ, Olívia. RICOLDI, Arlene. **A quarta onda do feminismo? Reflexões sobre movimentos feministas contemporâneos.** 42º Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu-MG. 2018.

PEREIRA, Matheus Baccarin. FERREIRA, Maria Alice Silveira. **Mulheres contra Bolsonaro: análise de redes do movimento #EleNão e a produção de narrativas no Twitter.** Compólitica 8, UNB, Brasília. maio de 2019. Disponível < http://ctpol.unb.br/compolitica2019/GT5/gt5_Ferreira_Pereira.pdf > acessado em 6 de junho de 2019 às 15:40.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução Angela M. S. Côrrea. Contexto. São Paulo. 2007.

PIMENTA, Francisco José Paoliello. RESENDE, Gabriella Weiss de. **Hashtags como mecanismos de movimentos sociais: #primeiroassedio, #meuamigosecreto e a Primavera das Mulheres**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Universidade Federal de Juiz de Fora-UFJF- Minas Gerais. 2017. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2017/resumos/R58-1291-1.pdf>> acessado em 22 de maio de 2019 às 22:48.

PINTO, Céli Regina Jardim. **FEMINISMO, HISTÓRIA E PODER**. REVISTA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA. V. 18, Nº 36. JUNHO 2010. p. 15-23

QUEIROZ, Eliani de Fátima Covem. **Ciberativismo: A nova ferramenta dos movimentos sociais**. Panorama. Goiânia. v. 7, n. 1, jan./jun. 2017, p 1-25.

SILVA, Tarcisio Torres. **Imagens da Primavera Árabe: estética, política e mídias digitais**. Galaxia São Paulo Online, n. 23, jun. 2012. p. 35-47.

TAVARES, Viviany Rodrigues de Souza. BARBOSA, Bruno dos Reis. SANTOS, Flávia Martins dos. **O Uso Das Redes Sociais Como Meio De Mobilização Social Nos Protestos Nacionais De Junho De 2013**. REVISTA PANORAMA edição on line v. 4, n. 1, jan./dez. 2014. p 21-31.

Links:

Fonte: CONNOLLY, Kevin. Primavera Árabe: Dez consequências que ninguém conseguiu prever. BBC. 13 dezembro 2013. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/12/131213_primavera_arabe_10consequencias_dg> acessado em 24/05/2019 as 22:20.

Fonte: O que são as ondas do feminismo? Medium. 7 de Março 2018. Disponível em: <<https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismo-eeed092dae3a>> acessado em 29/05/2019, às 17:38.

Fonte: Mulheres criam hashtag para compartilhar relatos do primeiro assédio sexual. Correio Braziliense. 22 de outubro 2015. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2015/10/22/interna_tecnologia,503498/na-primeiroassedio-mulheres-compartilham-experiencias-com-assedio.shtml> acessado em 04/06/2019 às 17:38.

Fonte: VISCONTI, Harumi. #MeuAmigoSecreto: nova campanha na internet denuncia o machismo do dia a dia. Época. 25 de novembro 2015. Disponível em<

<https://epoca.globo.com/vida/experiencias-digitais/noticia/2015/11/meuamigosecreto-nova-campanha-na-internet-denuncia-o-machismo-nosso-de-cada-dia.html> >acessado em 04/06/2019 às 18:03.

Fonte: MONTANHA, Juliana. Fotógrafa baiana que criou campanha contra assédio de José Mayer comemora resultado. Correio. 05 de abril 2017. Disponível em<

<https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/fotografa-baiana-que-criou-campanha-contra-assedio-de-jose-mayer-comemora-resultado/> >acessado em 04/06/2019 às 21:18

Fonte: Movimento #elenão impulsiona mais de 1,6 milhão de menções. FGV DAPP. 27 de setembro, 2018 <https://observa2018.com.br/posts/movimento-elenao-impulsiona-mais-de-16-milhao-de-mencoes-no-twitter-contra-e-a-favor-de-bolsonaro/> acessado em 10/06/2019 as 22:34.

Fonte: Movimento #NãoMereçoSerEstuprada protesta contra resultado de pesquisa.

GAUHAZH. 28 de março, 2014. Disponível em<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2014/03/movimento-naomerecoserestuprada-protesta-contra-resultado-de-pesquisa-4459178.html> > acessado em 04/06/2019.

AGRADECIMENTOS

Essa sem dúvida é uma das partes mais difíceis quando escrevemos o TCC, pois é aqui o espaço reservado para os agradecimentos e conseqüentemente para as lembranças, é hora de lembrar, então vamos lá. Não poderia iniciar aqui de outra forma se não agradecendo a minha família, mãe, pai, irmã e irmão esses que considero de fato uma família, aquela que nasceu para te apoiar ao longo da vida, para te guiar no caminho tão difícil e te ajudar a vencer todas as barreiras, são minha base de sustentação, sem eles não teria fôlego para seguir em frente.

Ao meu namorado, historiador incrível que tanto me ajudou ao longo do curso, que soube ser paciente nas horas que mais precisei e que sempre esteve ao meu lado para dizer “calma, vai dar tudo certo, você é capaz! Estou aqui para o que precisar”. Que fez com que me tornasse mais confiante e acreditasse em mim, no meu potencial, estando comigo nos momentos mais desesperadores do curso em que você pensa em largar tudo, você veio na hora certa, muito obrigada meu amor.

A todos os professores e professora que estiveram comigo desde os primeiros anos da minha educação, minha mãe de forma especial que soube despertar em mim o desejo de sempre querer mais, de não contentar-se apenas o que era repassado em sala de aula, de instigar em mim o desejo em aprender sempre mais. Ao chegar à Universidade tive a sorte em encontrar professores e professoras extremamente capacitados (a), humanos (a), abertos para criar vínculos não somente de alunos e alunas, mas de verdadeiros amigos e amigas.

Representando aqui cada um de vocês, dedico a dois professores que marcaram minha graduação, primeiro o Professor Martinho Guedes dos Santos Neto um dos primeiros professores na Universidade, meu orientador no PIBIC que com certeza levarei comigo para sempre em minha vida, por ser um exemplo de pessoa e profissional, por ter mostrado de forma tão forte (mas preciso) os desafios e barreiras que encontraríamos na Universidade, e assim nos fez mais fortes para seguir no curso.

E para fechar mais um ciclo, ao meu Professor e Orientador Carlos Adriano Ferreira de Lima, obrigada por ser esse cara tão ético, que não se rende aos obstáculos e desafios impostos pela vida, verdadeiro exemplo de Professor, obrigada por aceitar meu convite prontamente para me orientar, pelas lições em sala de aula, e principalmente pela paciência, obrigada por ser multidão, vocês dois me deram a chance de iniciar e terminar o curso com verdadeiros mestres me orientando.

Por fim, mas, não menos importante, a toda minha turma e agregados, posso dizer que tive a sorte de ter uma das melhores turmas que alguém poderia participar, obrigada por sempre nos mantermos unidos durante os quatro anos e meio de curso, a força que cada um(a)

compartilhava para seguir no curso, meus mais sinceros agradecimentos a cada um e uma individualmente, e em especial a minha prima Amanda companheira de turmas desde os primeiros anos escolares até a graduação. Espero continuar sempre ao lado de todos durante a vida.